

A EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DO JOVEM NIETZSCHE

Cláudia Cristiane Levandoski¹

Fabrcio Fonseca Machado²

RESUMO

Neste artigo, analisaremos a educação nos escritos do jovem Nietzsche. Suas ideias pedagógicas não tem sido muito recorrentes no meio acadmico, da a importância em estudá-las. Nosso ponto de partida reside nas conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino (1872)* e na *Terceira considerao extemporânea: Schopenhauer como educador (1874)*. Esse primeiro período da produo intelectual de Nietzsche apresenta um ponto de vista bastante peculiar e atual sobre a educao. Nietzsche, num plano geral, condenou com veemência Sócrates e Platão, por terem instaurado na civilizao ocidental a racionalidade argumentativa, e pelo fato de Platão ter sugerido o “mundo das ideias”, ilusório, tendência amplamente absorvida pelo Cristianismo, que prega uma moral de rebanho, que enaltece valores antinaturais, contrários  vida. Em termos educacionais,  preciso interpretá-lo e entendê-lo de maneira sistemática, relacionando conceitos como educao, cultura, Estado, ciência etc. O autor insiste no aprendizado da língua materna, da leitura, no cultivo de si próprio. Assim  possível cada um “tornar-se aquilo que ”. Assim  possível o nascimento do gênio, da exceo, que deve ser, diz ele, o fim último da educao e da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Educao; Cultura; Gnio; Nietzsche.

EDUCATION IN THE WRITINGS OF YOUNG NIETZSCHE

ABSTRACT

In this article, we will reflect on education in the writings of the young Nietzsche. His pedagogical ideas have not been very recurring in the academic environment, consequently the importance of studying them. Our starting point lies in the conferences *On the future of our educational institutions (1872)* and in the *Third extemporaneous consideration: Schopenhauer as educator (1874)*. This first period of Nietzsche’s intellectual production presents a rather peculiar and current point of view on education. Nietzsche vehemently condemned Socrates and Plato, for having instituted in Western civilization the argumentative rationality. Nietzsche didn’t agreed with the fact that Plato has suggested the “world of ideas”, illusory, tendency widely absorbed by Christianity, which preaches a heard morale, which extols unnatural values, contrary to life. In educational terms, it is necessary to interpret and understand it in a systematic way, relating concepts such as Education, Culture, State, Science, etc. The author insists on learning the mother tongue, reading and self-cultivation. So it is possible to each one “becomes

¹ Licenciada em Pedagogia (UNISUL-SC), Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL-SC) e Doutoranda em Ciências da Linguagem (UNISUL-SC). Professora da UNIASSELVI-SC e da UNOPAR-PR.

² Bacharel e Licenciado em Filosofia pela UNISUL-SC e UNIASSELVI-SC, respectivamente; Bacharel em Direito pela UFPEL-RS; Especializao em Metodologia do Ensino de Filosofia; Servidor público do estado do RS.

what it is". The birth of the genie, of the exception, which must be, he says, the ultimate end of education and culture will be possible as well.

KEYWORDS: Education; Culture; Genie; Nietzsche.

1 Introdução

Poucos pensadores, como Nietzsche, ousaram tanto e foram tão longe no julgamento destemido da cultura de uma época. Para compreender o projeto educativo do seu primeiro período, é conveniente relacionarmos educação, cultura, Estado, ciência e outros temas conexos. Suas ideias pedagógicas foram desenvolvidas, sobretudo, na primeira fase do seu pensamento, quando da aparição das conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino (1872)*, bem como da *Terceira consideração extemporânea: Schopenhauer como educador (1874)*. A escolha desse recorte temporal justifica-se na medida em que, nesses escritos, encontra-se a maior parte da reflexão nietzschiana sobre educação, ainda que não a sua totalidade.

Na presente investigação, nosso escopo é suscitar, primeiro, mas de maneira genérica, alguns traços fundamentais do pensamento filosófico de Nietzsche, para em seguida adentrarmos com mais nitidez no ideário educacional da sua primeira fase. Para uma tarefa como essa, nunca é demais lembrar que há sempre um grande risco em expormos o pensamento nietzschiano. Sua obra, para uns, pode parecer contraditória, assistemática. Por outro lado, interpretá-lo significa interpretar a nós mesmos, significa questionar as profundezas da nossa existência, naquilo de mais nobre, naquilo de mais vil que há.

Suas considerações pedagógicas, da mesma forma, também precisam ser problematizadas, não podemos desprezá-las, visto que, para ele, a educação é assunto “[...] tão sério, tão importante e, num certo sentido, tão perturbador, que eu próprio, como vocês, me voltaria de boa-vontade para o primeiro que me promettesse ensinar algo a respeito disso [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 56).

Primeiramente, entretanto, é necessário preparar o terreno sobre o qual queremos caminhar. Analisemos sucintamente algumas noções do filósofo alemão.

2 Aspectos básicos da filosofia de Nietzsche

Para entender melhor o projeto educativo nietzschiano, supomos necessárias as considerações preliminares que se seguem, atinentes ao pensamento filosófico do autor.

Nietzsche foi um pensador desconcertante, polêmico e mordaz: uma mente genuína. A princípio, seu pensamento recebeu forte influência de Schopenhauer, com quem mais tarde rompeu, negando-lhe, sobretudo, o niilismo, em prol de uma filosofia afirmativa da vida. Assim, dedicou-se ao estudo dos mais variados assuntos: moral, razão, religião, tragédia, arte etc. A esses temas, imprimiu uma abordagem totalmente inovadora em relação a conceitos tradicionalmente estabelecidos e com os quais estamos habituados a operar.

Em *Ecce homo* (1888), sua curiosa autobiografia, onde realiza, dentre outros, uma autointerpretação de sua produção intelectual, Nietzsche assim descreve a importância da sua primeira obra, *O nascimento da tragédia* (1872):

As duas decisivas *novidades* do livro são, primeiro, a compreensão do fenômeno *dionisíaco* nos gregos – oferece a primeira psicologia dele, enxerga nele a raiz única de toda a arte grega. Segundo, a compreensão do socratismo: Sócrates pela primeira vez reconhecido como instrumento da dissolução grega, como típico *décadent*. ‘Racionalidade’ *contra* instinto. A ‘racionalidade’ a todo preço como força perigosa, solapadora da vida! – Profundo e hostil silêncio sobre o cristianismo em todo o livro. Ele não é apolíneo nem dionisíaco; *nega* todos os valores *estéticos* – os únicos valores que o *Nascimento da tragédia* reconhece: o cristianismo é niilista no mais profundo sentido, enquanto no símbolo dionisíaco é alcançado o limite último da *afirmação* (NIETZSCHE, 2008, p. 60, grifos do autor³).

Para Nietzsche, o ápice da Grécia Antiga estava no tensionamento entre os princípios apolíneo e dionisíaco: Apolo, que representava a clareza, a ordem, e Dioniso, divindade da exuberância e da música. Essa especulação, acerca dos espíritos apolíneo e dionisíaco, constante em sua primeira obra, será figura recorrente na produção filosófica da juventude de Nietzsche. Acusava Sócrates e Platão de os terem separado, em nome da racionalidade estrita.

Nesse sentido, também, a dura crítica do autor ao dualismo socrático-platônico, que dividiu o mundo em mundo “aparente”, o mundo dos sentidos, e um mundo “real”, imutável, atingível através do intelecto. Para Platão, o mundo que percebemos pelos sentidos não é o mundo verdadeiro, senão sombra das formas perfeitas de outro mundo.

Tal metafísica apresenta profundas consequências para o nosso entendimento de mundo, para a nossa civilização, porque essa tendência de dividir o mundo foi amplamente

³ Neste texto, sempre que houver destaque dentro das citações, em todas elas estaremos diante de grifo (s) do autor.

acolhida pelo Cristianismo. Para Nietzsche, a associação entre a filosofia ontológica de Platão e a moral cristã é deveras evidente. O Cristianismo sugere o mundo futuro dos céus, no além, um mundo perfeito, a quem é virtuoso, bom, e considera o mundo atual, no qual vivemos, um mundo irrelevante, sem importância.

A esse respeito, ainda em *Ecce homo*, especificamente no último capítulo, *Por que sou um destino*, Nietzsche (2008, p. 109) discorre que

Inventada a noção de ‘além’, ‘mundo verdadeiro’, para desvalorizar o *único* mundo que existe – para não deixar à nossa realidade terrena nenhum fim, nenhuma razão, nenhuma tarefa! A noção de ‘alma’, ‘espírito’, por fim ‘alma imortal’, inventada para desprezar o corpo, torná-lo doente – ‘santo’ –, para tratar com terrível frivolidade todas as coisas que na vida merecem seriedade, as questões de alimentação, habitação, dieta espiritual, assistência a doentes, limpeza, clima! Em lugar da saúde a ‘salvação da alma’ – isto é, uma *folie circulaire* [loucura circular] entre convulsões da penitência e histeria de redenção! A noção de ‘pecado’ inventada juntamente com o seu instrumento de tortura, a noção de ‘livre-arbítrio’, para confundir os instintos, para fazer da desconfiança frente aos instintos uma segunda natureza! Na noção de ‘desinteressado’, de ‘negador de si mesmo’, a verdadeira marca de *décadence*, a *sedução* do nocivo, a *incapacidade* de encontrar o próprio proveito, a autodestruição, convertidos no signo de valor absolutamente, no ‘dever’, na ‘santidade’, no ‘divino’ no homem! Por fim – é o mais terrível – na noção do homem *bom* a defesa de tudo o que é fraco, doente, malgrado, que sofre de si mesmo, tudo o que *deve perecer* –, contrariada a lei da *seleção*, tornada um ideal a oposição ao homem orgulhoso, que vingou, que diz Sim, que está seguro, que dá garantia do futuro – este chama-se agora o *mau...* E nisso tudo acreditou-se *como moral!* *Écrasez l’infâme!*

Com isso, a filosofia socrático-platônica, consoante Nietzsche, nos conduz a uma maneira de pensar precipuamente aniquiladora, contrária à vida. A moral cristã, que enaltece valores como, por exemplo, a humildade, a mansidão, a caridade, é uma moral que nega fundamentalmente as forças vitais da natureza, os sentidos, pois anula o homem, reprime-o, que se mantém passivo, conformado, resignado. O Cristianismo, para ele, levou o homem a ressentir-se, a desdenhar-se, e transformou o mundo verdadeiro em mera fábula.

Toda essa crítica de Nietzsche, mais tarde, desembocaria, grosso modo, na famosa sentença “Deus está morto” (*Gott ist tot*). A morte de Deus, em Nietzsche, não significa, evidentemente, apenas a morte de uma entidade ultramundana, de uma deidade, mas a morte de todos os valores que herdamos e que servem de fundamento para a nossa vida. É um acontecimento que pretende libertar o homem do apego histórico ao sobrenatural, metafísico, que ele próprio havia criado. Por consequência, é a libertação do homem da moral dos escravos, dos ressentidos, cujos valores nobres são a humildade, a compaixão, a piedade, valores antinaturais, opressores da vida. É a libertação do homem, em suma, da moral cristã.

Com essa ruptura metafísica, enaltecendo agora os valores terrenos, abre-se espaço para o surgimento do além-do-homem (*Übermensch*), quer dizer, de um homem capaz de criar um novo sentido para a Terra. Trata-se daquele que assumiu sua finitude e que por isso liberta-se do futuro, do além. O além-do-homem é o homem que superou a si mesmo, que realizou o supremo propósito de “tornar-se aquilo que se é”.

Em linhas gerais, esses postulados demonstram uma noção geral acerca do pensamento filosófico nietzschiano, ainda que introdutoriamente. Entraremos, agora, na questão principal do nosso trabalho. Vejamos, primeiro, a crítica de Nietzsche à educação e à cultura do seu tempo.

3 A crítica da educação e da cultura

Pelo exposto até aqui, podemos perceber que o pensamento de Nietzsche, como um todo, é uma grande crítica à cultura e à moralidade do seu tempo. Essa reprovação, olhando mais de perto, está imbricada com a crítica do autor a outras categorias correlatas: educação, Estado, ciência etc. Passemos a examiná-las, portanto, tendo como ponto de partida tanto as conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino (1872)* como a *Terceira consideração extemporânea (1874)*.

Acerca desses escritos, Melo Sobrinho (2007, p. 8) esclarece que

Se, por um lado, nas Conferências proferidas na Basileia ele aponta os objetivos, os métodos, os conteúdos e as formas da educação dos jovens, considerando especificamente as relações didáticas entre professor e aluno, por outro lado, na III Intempestiva ele indica e reforça a função estratégica da filosofia e da exemplaridade dos ‘homens superiores’ em tudo que diz respeito à educação intelectual e moral dos indivíduos. Nos dois escritos, a educação, a cultura e a filosofia são referidas diretamente à natureza como suas determinações; nesse sentido, é através delas que a natureza busca sua realização, seu cumprimento e sua redenção.

Para o jovem Nietzsche, em primeiro lugar, a cultura tornou-se ambiciosa, lucrável, mero objeto de relações mercantis, submetida às leis da compra e venda. Ela passou a ser avaliada pelo critério do consumo, sendo utilitária, efêmera, rasa. Nesse sentido, acusa os que fomentam essa lógica de “filisteus da cultura” (*Bildungsphilister*), ou seja, alguém limitado, vulgar, em que predomina a estreiteza espiritual.

Numa das passagens da *Terceira extemporânea*, ele adverte sobre o tema:

[...] A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão ‘correntes’ quanto possível, um pouco no sentido em que se fala de uma ‘moeda corrente’. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conclama a se tornar ‘corrente’, formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber, ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e lucro (NIETZSCHE, 2007, p. 62).

Outra grande desaprovação de Nietzsche direciona-se ao Estado, ou melhor, aos riscos de um ensino submetido à sua ideologia. Ele insiste que cultura e Estado não podem habitar o mesmo campo. Mais que isso, que ambos são inclusive inconciliáveis, inimigos, antagônicos: “[...] Por mais que o Estado enfatize o que faz de meritório pela cultura, ele a promove para se promover e não concebe nenhum alvo que seja superior ao seu bem e à sua existência” (NIETZSCHE, 1978, p. 76).

O Estado, na realidade, teria interesse

[...] na universalização da educação e da formação geral, assim como na difusão de conteúdos e saberes úteis à sua organização. Isso acarretaria o enfraquecimento da cultura, à medida que ela se torna subserviente aos fins do Estado (ARALDI, 2008, p. 85).

Para o filósofo alemão, o governo atua sob a máscara de mentor da cultura, quando, em verdade, busca apenas o seu próprio interesse.

Nessa mesma senda, outra questão trazida por ele diz respeito ao patriotismo, que, na verdade, inflama o ódio do povo. Aos poucos, ele perdera totalmente sua simpatia por Bismarck e pela guerra. Alertava para o fato de não confundirmos a grandeza de um povo com seus êxitos em campo de batalha, não confundirmos “[...] o ‘autêntico espírito alemão’ com as glórias militares dos exércitos prussianos” (MARTON, 2008, p. 31).

Já no *Primeiro Prefácio* para a edição das conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, Nietzsche discorreu que havia duas tendências a minar a educação: uma ampliativa e outra restritiva. Acompanhem, nas palavras dele:

Duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino, originariamente fundados em bases totalmente diferentes: por um lado, a tendência de *estender tanto quanto possível a cultura*, por outro lado, a tendência de *reduzi-la e enfraquecê-la*. De acordo com a primeira tendência, a cultura deve ser levada a círculos cada vez mais amplos; de acordo com a segunda, se exige da cultura que ela abandone suas mais elevadas pretensões de soberania e se submeta como uma serva de outra forma de vida, especialmente aquela do Estado (NIETZSCHE, 2007, p. 53).

A primeira delas, a tendência de ampliação máxima, preconiza que deveria ser difundido tanto conhecimento e cultura quanto possíveis. Essa vertente, segundo Dias (2003, p. 90), “[...] pretende que o direito à cultura seja acessível a todos, e exige que para isso seja seguido o dogma da economia política”. Isto é, seria algo como a popularização do conhecimento, sua massificação. Por outro lado, existe também uma tendência de redução, restrição da cultura, cujos propósitos são que os indivíduos se transformem em devotos do Estado, que o defendam acima de tudo.

Essas duas tendências, segundo ele, encontram-se em pleno acordo com a cultura jornalística. É o que ele constata já na *Primeira Conferência*, pela boca do companheiro do filósofo:

O jornalismo é de fato a confluência das duas tendências [...]; o jornal substitui a cultura, e quem ainda, a título de erudito, tem pretensões à cultura, este se apoia habitualmente nesta trama de cola viscosa que cimenta as juntas de todas as formas de vida, de todas as classes sociais, de todas as artes, de todas as ciências. É no jornal que culmina o desígnio particular que nossa época tem sobre a cultura: o jornalista, o senhor do momento, tomou o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre, daquele que livra do momento atual [...] (NIETZSCHE, 2007, p. 65).

O jornalismo é a confluência, a coroação da incultura propagada nos estabelecimentos de ensino. A cultura jornalística encarrega-se de substituir a verdadeira cultura. O jornalista, para Nietzsche, é o mestre do instante, da superficialidade, da moda. É o profissional que, ao reduzir tudo a um denominador comum, atropela o conhecimento, a cultura elevada, o espírito de um povo.

O filósofo germânico, outrossim, não economiza críticas aos estabelecimentos secundaristas e universitários de seu tempo. No ensino secundário, por exemplo, ele condena a instrução puramente prática, científica, que enfatiza o culto ao passado, em detrimento do cultivo da língua, da cultura e de uma formação humanística. Nas universidades, além desses aspectos, também critica a tão propalada autonomia, a liberdade acadêmica.

A universidade, para Nietzsche, vive da ilusão de uma liberdade e de uma autonomia que não existem. Os estudantes estão jogados à própria sorte, em face da ambiguidade da existência. São incapazes de superar a si próprios, estão inaptos para a cultura. A autonomia universitária está tolhida pela tendência histórico-científica, tecnicista, profissionalizante, tudo sob a égide do Estado. A universidade/Estado tão somente prepara o indivíduo para um ofício, transforma-o num servidor eficiente, num estrito cumpridor de lei e dedicado executor de deveres.

Quer dizer,

“[...] muitas mudanças dos nossos estabelecimentos de ensino, que a nossa época se permitiu para torná-los ‘atuais’, são em boa parte aspectos falhos e errâncias em relação à tendência sublime que originariamente presidiu sua fundação [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 51).

Em razão disso, seria preciso, “[...] sem dúvida, uma meditação totalmente insólita para desviar o olhar dos atuais estabelecimentos de educação e voltá-lo em direção a instituições completamente estranhas e de outra espécie [...]” (NIETZSCHE, 1978, p. 76).

Para Melo Sobrinho (2007, p. 8), Nietzsche

[...] via na cultura e nos valores da modernidade o coroamento da mediocridade e da barbárie, cujo efeito na esfera da educação acabava por conservar os estudantes na ignorância das questões filosóficas ligadas ao sentido da existência e por alimentar nele os valores da adequação, da integração e do conformismo. Ele, enfim, desaprovou radicalmente a intelectualidade da época encarnada na figura dos seus ‘eruditos’, isto é, dos especialistas, cuja única tarefa era exatamente educar para a conformidade e a submissão, tal como eles próprios se punham, e cujo comportamento nos meios acadêmicos fazia prova de um febril e aviltante oportunismo profissional.

Merece referência, por último, a crítica de Nietzsche à ciência, ao seu instinto desenfreado de busca da verdade, que pode imobilizar a cultura, a vida. Ao tudo analisar, decompor, a ciência “[...] esteriliza a força criadora humana [...], retira o véu benfazejo que cobre a vida e a embeleza” (DIAS, 2003, p. 83). O espírito científico busca conhecer a vida acima de tudo, de todos, dizendo atuar sob o mote do real, do verdadeiro, e, com isso, acaba cometendo excessos, subvertendo a existência, onde nem tudo é real, é investigável. Pois a vida também é arte, é ilusão, é anticientífica. A arte “[...] nos liberta, ao passo que a dura e cotidiana experiência do real nos submete” (DIAS, 2003, p. 102).

Toda essa crítica à cultura e a temas congêneres, já o dissemos, fazem parte do próprio pensamento pedagógico nietzschiano, caso seja possível assim nos referirmos. Após tais críticas, é oportuno agora aproximarmos-nos de algumas perspectivas de natureza mais construtiva, a partir do pensamento juvenil de Nietzsche.

4 O projeto educativo do jovem Nietzsche

A transformação desse cenário, em termos educacionais, começa a partir da leitura e do aprendizado da língua materna, pois “[...] agora cada um fala e escreve a língua alemã tão

má e tão vulgarmente quanto lhe é possível [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 68). Ao contrário disso, “[...] a cultura começa por um caminhar correto da língua [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 77).

A leitura, por exemplo, precisa ser empreendida com qualidade, como uma aventura calma e profunda. Faz-se imprescindível a formação de bons leitores, e formá-los significa avultar suas perspectivas, ampliá-las. Significa um aprimoramento contínuo dos sentidos. Assim começa a formação do caráter impávido, dos espíritos autônomos. Os leitores clamados por Nietzsche são os mesmos leitores a quem ele dedica as cinco *Conferências*, no *Segundo Prefácio* da obra:

Este livro é destinado aos leitores calmos, aos homens que não foram ainda arrastados pela pressa vertiginosa da nossa época precipitada e que não experimentaram um prazer idólatra de se deixar esmagar por suas rodas – portanto, a bem poucos homens! Mas estes homens não podem já habituar-se a calcular o valor de cada coisa pelo tempo economizado ou pelo tempo perdido, eles têm ‘ainda tempo’; e lhes é ainda permitido, sem experimentar remorso, escolher e buscar as boas horas do dia e seus momentos fecundos e poderosos para meditar sobre o futuro da nossa cultura [...]. Um homem como este ainda não desaprendeu a pensar lendo, ele conhece ainda o segredo de ler nas entrelinhas; ele tem inclusive o caráter tão pródigo, que ainda medita sobre o que leu, talvez durante muito tempo depois de ter fechado o livro (NIETZSCHE, 2007, pp. 54 e 55).

Nietzsche preconiza que as escolas precisam dedicar-se ao ensino e ao aperfeiçoamento da língua materna, um dos grandes requisitos para o surgimento de uma verdadeira cultura. A formação de uma cultura superior passa necessariamente pelo aprendizado da língua materna. Para Nietzsche (2007, p. 69), “[...] aquele que não chega ao sentimento de um dever sagrado para com ela [a língua], este não tem mais em si o germe que convém a uma cultura superior”.

Em lugar do enciclopédismo, da erudição histórica, utilitarista, as escolas secundaristas deveriam, antes de tudo, proporcionar uma severa educação de si no domínio da língua, o estudo inveterado do idioma. É preciso analisar os clássicos, seus textos, suas palavras. É preciso ler Goethe, é preciso formar uma língua artística. Saber ler e falar quer dizer tornar-se livre, aprender por si mesmo, pensar por si mesmo.

Outro conceito significativo, encontrável em Nietzsche, é a noção de *Bildung*, sem correspondente exato em língua portuguesa, mas que seria um análogo da expressão grega *paidéia*, para referir-se à formação espiritual e artística de um povo. *Bildung* pode ser

compreendida enquanto formação de si, enquanto assenhorear-se da sua própria existência. Trata-se de um processo formativo de autoafirmação da vida.

O projeto da *Bildung* nietzschiana pretende educar um homem para fazer dele um homem, para tornar-se o que ele é. Assumir a presença de si não é tarefa fácil. Nada é mais penoso ao indivíduo do que olhar para si mesmo. Esse processo de autocultivo se dá mediante um árduo trabalho espiritual. É necessário aceitar a responsabilidade de formar a si próprio.

Ao comentar suas *Extemporâneas*, em *Ecce homo*, assevera Nietzsche sua preocupação com esse mister:

“[...] com esses escritos eu desejava fazer algo bem diferente de psicologia – um problema de educação sem equivalente, um novo conceito de *cultivo de si, defesa de si* até a dureza, um caminho para a grandeza e para tarefas histórico-universais exigia sua primeira expressão” (NIETZSCHE, 2008, p. 67).

Ademais, o fim último da educação e da cultura, para Nietzsche, não é o bem-estar geral dos indivíduos, mas sim o nascimento do gênio. Para ele, deve-se buscar o acaso, o surgimento de exceções, o desenvolvimento e a elevação de personalidades superiores: “[...] não é a cultura de massa que deve ser a nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 90).

A principal preocupação de Nietzsche, em educação, era o “[...] puro e simples abandono de uma formação não utilitária orientada para a potencialidade do espírito (*Geist*) alemão, [...] para a potencialidade dos impulsos humanos” (FREZZATTI Jr., 2008, p. 41). A educação precisa ser um processo de transformação permanente, de superação de si mesma e da cultura estabelecida. Todo o esforço educacional deve mirar o surgimento de homens excepcionais, personalidades fortes, capazes de educar a si mesmos e de criar novos comportamentos.

O filósofo alemão, é certo, apresenta uma concepção pedagógica elitista, uma espécie de aristocracia espiritual, por assim dizer. Isso porque, consoante Frezzatti Jr. (2008, pp. 58 e 59),

Um dos fatores que parece paralisar os processos seletivos e degradar a educação é a noção de igualdade entre os homens [...] Mais do que os direitos iguais, a postulação de necessidades iguais para todos paralisa a experimentação, isto é, a seleção, o que promove a estagnação e o lento enfraquecimento dos homens superiores [...].

Cada um deve educar a si próprio: esta é a mensagem de Nietzsche/Zaratustra. Impor um tipo a outro, ou seja, mais exatamente, querer que um seja igual ao outro, é impedir que uma outra configuração de impulsos cresça: impor o mesmo a todos é o erro do cristianismo e de suas variantes. Cristalizar uma única configuração de impulsos é a característica da decadência (FREZZATTI Jr., 2008, p. 50).

Segundo Marton (2008, p. 21), “[...] cultura pressupõe unidade de estilo e unidade de estilo não se confunde com uniformidade de necessidades e opiniões”, até porque “[...] para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens [...]” (NIETZSCHE, 2007, p. 88).

Esse movimento seletivo acompanha o ciclo da própria vida. Educação e cultura não podem visar o melhoramento da maioria, mas o desenvolvimento e a elevação de homens superiores, de gênios. O cultivo de si, consciente e metódico, objetiva a potencialização dos impulsos humanos. O homem é algo a ser superado, não pode ser considerado como uma substância dada, fixa, mas como algo a fazer-se, em permanente transformação, que deve superar-se e triunfar sobre si mesmo.

5 O professor Nietzsche

Nietzsche, evidentemente, foi uma grande exceção em sua época, um gênio por excelência. Construiu-se a si próprio como ninguém, cultivou-se, educou-se. Como docente, aos poucos foi sendo absorvido pelas obrigações advindas da cátedra. Sentia-se, por vezes, um verdadeiro filisteu. No entanto, diversos são os relatos nos quais constatamos sua grandeza enquanto professor. Seu ideário pedagógico era, de fato, aplicado em sala de aula⁴, o que vem a confirmar a importância do seu pensamento.

Louis Kelterborn, por exemplo, ex-aluno de Nietzsche, escreveu em suas memórias:

Sua maneira de se dirigir aos alunos nos era absolutamente nova e despertava em nós o sentimento de nossa própria personalidade. Soube, desde o início, estimular-nos para que tivéssemos um maior interesse pelo estudo, talvez mais ainda de maneira indireta, pelo seu saber e pelo seu exemplo, do que de maneira direta [...] ele não nos considerava em bloco, como uma classe ou um rebanho, mas como jovens individualidades [...] Sua maneira de se exprimir, ponderada, solene, tão cuidada e no entanto tão natural, do mesmo modo que todas as suas atitudes e seu comportamento, sua maneira de abordar alguém, de cumprimentá-lo, era realmente harmoniosa, de uma grande unidade de estilo [...] Durante a conversa, o professor Nietzsche procurava ouvir mais do que falar; através de perguntas estimulava seu interlocutor a exprimir

⁴ Esses relatos foram extraídos da obra *Nietzsche, educador*, de Rosa Maria Dias, ao final referenciada.

livremente suas opiniões, mesmo quando se tratava de um de seus alunos (DIAS, 2003, pp. 52 e 53).

Outro depoimento, num artigo anônimo de 13 de outubro de 1929, diz o seguinte:

Era um homem de poucas palavras, mas sua alegria era visível quando um aluno medíocre conseguia um bom resultado [...] Sua cordialidade, sua atenção incitavam ao trabalho [...] Não deixava transparecer nenhum desprezo pela massa de alunos indiferentes, nem pelos mais fracos ou menos dotados [...] Se Nietzsche era parcimonioso nos elogios, usava mais raramente ainda de reprimenda [...] Nunca o víamos irritado, nunca elevava o tom da voz, nem se alterava [...] (DIAS, 2003, p. 55).

Quer dizer, enquanto exerceu a função de professor, Nietzsche utilizou-se da mais pura autenticidade no trato com os seus alunos, tentou de todas as maneiras torná-los homens superiores, elevá-los. Enfatizou os impulsos e as forças criadoras de cada um. Estimulou-os a educarem-se a si próprios, a desenvolverem o senso crítico. Dessa maneira, foi um mestre admirado, um verdadeiro educador. Não restam dúvidas quanto a isso.

6 Considerações Finais

É necessário salientar, de novo, que o propósito fundamental desta exposição era o de analisarmos o processo educacional a partir dos escritos do jovem Nietzsche, cujo ponto de vista é seletivo, por certo, e visa à formação de indivíduos autônomos, bem como a elevação espiritual de uma cultura. Vez por outra, sua obra tem sido mal interpretada, inclusive desvirtuada, para servir a interesses estranhos.

Em momento algum ele tencionou aprimorar a civilização: “[...] A última coisa que *eu* prometeria seria ‘melhorar’ a humanidade [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 15). Na verdade, o fio condutor de suas reflexões pedagógicas era a busca de uma cultura autêntica, livre, baseada na vitalidade humana, nos instintos, em lugar da cultura dos ressentidos, de rebanho, decadente, alicerçada hoje, sobretudo, pela moralidade cristã. Nesse sentido, a propalada igualdade entre os homens acaba sendo prejudicial ao processo educativo. A cultura e a educação devem atuar como catalisadores dos impulsos e instintos humanos. A uniformidade entre os homens é decadente, aterradora, nulificante. Educar quer dizer perseguir o gênio, a exceção, o desviante, significa criar novos comportamentos e buscar o desenvolvimento de personalidades elevadas.

Para o jovem Nietzsche, a cultura e a educação subverteram-se por completo. A sociedade cientificista significou a agonia da humanidade. Tudo passou a ser medido pela

balança do consumo. É preciso substituir essa maneira de pensar por outra mais soberana, autárquica. A própria racionalidade, de que a Grécia tanto se orgulha, acabou por arrefecer a força espiritual humana. Nietzsche rejeitou a tradição socrático-platônica.

Alguns dizem que, posteriormente, a loucura contaminou sua obra, o que seria cômodo demais afirmar. Seu nome, hoje, não evoca apenas um pensamento, mas um estilo de vida. Nietzsche é um daqueles raros casos em que a obra se incorporou à biografia inteira, um daqueles casos em que a filosofia é a própria vida. Ele pagou um altíssimo preço pela sua genialidade.

Estudá-lo, como vimos, é adentrar num terreno acidentado, é indagar os pilares fundamentais da nossa existência. Ele colocou do avesso conceitos que desde há muito estamos habituados, perfeitamente naturais, que animam ideologias vigentes. Seus escritos incomodam, desconcertam, constroem, como ele próprio alertou em *Ecce homo*:

“[...] em ‘Schopenhauer como educador’ está inscrita minha história mais íntima, meu *vir a ser*. Sobretudo meu compromisso! (...) O que hoje sou, *onde* hoje estou – em uma altura de onde já não falo com palavras, mas com raios [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 67).

A *Bildung* nietzschiana não é um processo fácil, confortável. Educar-se, muitas vezes, é proceder contra si próprio. Cultivar-se pode ser bastante penoso. Mas apenas os espíritos destemidos podem triunfar sobre si mesmos, superar-se, pois, de acordo com Nietzsche:

[...] Ninguém pode construir no teu lugar a ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida – ninguém, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar para o outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesses inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. Para onde leva ele? Não perguntes nada, deves seguir este caminho [...] (NIETZSCHE, 2007, pp. 140 e 141).

REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche, a Educação e a Crítica da Cultura. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: Filosofia e Educação**. Ijuí: Unijuí, 2008, pp. 83-99.
- DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, Educador**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREZZATTI JR, Wilson Antonio. Educação e Cultura em Nietzsche: o Duro Caminho para “Tornar-se o que se é”. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: Filosofia e Educação**. Ijuí: Unijuí, 2008, pp. 39-65.

MARTON, Scarlett. Claustros vão se Fazer Outra Vez Necessários. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: Filosofia e Educação**. Ijuí: Unijuí, 2008, pp. 17-37.

MELO SOBRINHO, Noéli Correia. A Pedagogia de Nietzsche. In: **Friedrich Nietzsche: Escritos sobre Educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007, pp. 7-40.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**: como Alguém se Torna o que É. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino. In: **Friedrich Nietzsche: Escritos sobre Educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007, pp. 41-137.

_____. Terceira Consideração Extemporânea: Schopenhauer como Educador. In: **Friedrich Nietzsche: Obras Incompletas**. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. 2ª. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978, pp. 71-81. (Os Pensadores)